



*** REDACTOR PRINCIPAL ***
Alexandre Vieira
***** EDITOR *****
João Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Tathaba — Lisboa — Telefone 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Sejamos reflectidos

Há ainda entre os elementos mais activos de algumas corporações operárias—ocultar-se seria impróprio de quem escreve o que sente—uma imperfeita compreensão das responsabilidades que assumem em determinados momentos, não só perante a classe a que pertencem, mas também em face da organização geral, e o facto, mais grave de todos, observa-se mais vezes do que seria para desejar.

Corporações há que vão, por vezes, para a greve sem fazerem um exame prévio à sua situação moral e material, sem inquirirem antecipadamente se a classe possui as necessárias condições de resistência e sem terem o cuidado de atrair para os seus movimentos, como seria do mais elementar bom-senso, a simpatia da opinião pública, que é um factor a tomar em consideração, sabido como é que um movimento que encontra bom ambiente entre o público é movimento que raras vezes se perde.

Geramente acredita-se que basta a justiça que assiste a determinada reclamação para fazer que um movimento que em favor da mesma se realize obtenha o almejado triunfo.

O pior é que, nos dias que correm, nem sempre o bom direito é suficiente a dar, por si só, o triunfo. Se assim não fora não veríamos cotidianamente praticar tanto atropelo e esmagar movimentos puros de justiça.

Ora como assim é assim há de ser enquanto predominarem as instituições burguesas, cuja moral é o que nós bem sabemos, necessitam nós, trabalhadores, de reflectir, e levarmos os nossos camaradas a reflectir também, antes de nos lançarmos em lutas que, podendo trazer para as nossas corporações e, portanto, para cada um de nós, uma efectiva melhoria, colocam-nos, pelo contrário, quando somos mal sucedidos, numa situação económica dobradamente difícil.

Mas uma derrota, além disso, desmoraliza a classe que a suporta, quebrando-lhe a energia.

Essa classe fica, pois, não só impedida de disfrutar uma vida menos isenta de dificuldades e inibições, consequentemente, por longo tempo, de se lançar em novas e porventura necessárias lutas, como permite que a classe oposta—por virtude do esmagamento da corporação operária que não soube ou não pôde opor a sua resistência à do patronato—tome alento e passe então a negar-se sistematicamente, certa de que nem ao de leve será molestada nos seus interesses, a atender quaisquer reclamações que lhe apresentem, ainda quando estas sejam as mais razoáveis.

Devem, pois, as corporações operárias, antes de se lançarem num movimento conflituoso, ponderar se estão habilitadas a fazer face, com os próprios recursos, a uma batalha demorada, evitando ir para a greve contando de antemão que ao cabo dum dia ou duma semana estejam satisfeitas as suas reclamações, o que raras vezes sucede, e agora mais que nunca, como no-lo mostram exemplos bem recentes.

Na Companhia União Fabril

Segundo nos informam, o sr. Alfredo da Silva, a fim de exercer represálias sobre o seu pessoal, que ultimamente se organizou, iniciou perseguições, tendo começado por reduzir o trabalho na secção de stearina, alegando a falta de matéria prima. Essa falta de matérias primas é fictícia, tendo ainda o conhecido industrial outro fim, além do de exercer represálias sobre o pessoal, reduzindo-lhe os dias de trabalho: fazer a escassez de vendas no mercado, a fim de provocar uma nova alta no preço desse combustível.

No caso do sr. Alfredo da Silva estender as suas habéis perseguições a outras secções das suas fábricas, os camaradas que ali trabalham estão na disposição de tomar uma atitude enérgica.

O pessoal das fábricas de Lisboa também se encontra descontente por não serem cumpridas algumas das reclamações atendidas pela companhia, entre as quais avulta a do pagamento das férias ser efectuado durante o trabalho.

OS FORÇADOS

NOS FORNOS DA CAL

O empedramento

Fui ontem surpreendido, em plena laboração, as criaturas, quasi animais, que numa inconsciência assombrosa estranham a vida, no fabrico de cal, escurecendo de sombras a sua brancura, e só então compreendi, ao remover esses sacrificios ignorados, e o tom claríssimo, de luar, em que eles se encontram, o ostracismo dos humildes, o hominismo em que se encontram do nosso affecto, porque eu próprio, habituado a leituras sangrentas, nunca supuz que se sofresse tanto, sem uma queixa atroadora, sem uma praga maldita, ao nosso alheamento de felizes, que nos fizesse olhar para traz, e curvar-mo-nos reverentes, penitencioso-nos, ante a grandeza sublime do seu sofrimento.

Fui vellos, e feliz seria se conseguisse dar uma impressão do que aquilo é, porque a descrição nítida, feita de minúcias, é impossível, perturbado como se fica, ante aquele espectáculo de pedzelo, e obscuro como se é, pela ideia persistente e subtil, da fuga, aquele todo de paisagem infernal.

Logo à entrada, é-se ferido pelo tom agressivo, do local, arrabalde sacrificado à invasão avassaladora do industrialismo.

A cada passo, truncando a vista que se espraia pela planície esverdeada, esbarra-se com tapumes irregulares, construções abarracadas, e telheiros de todas as formas e feitios, ora abrigando galinhas, mulheres, crianças, num quadro de logarejo pobríssimo, ora protegendo a chuva uma mixelânea de ferramentas, carrinhos e todo o material necessário a uma colónia de degradados para perfurar um túnel, ou encetar um atreito.

E bem uma entrada que nos afirma que se atraz dela alguém se encontra.



É ver então aquele formigueiro humano a estafar-se nas variadíssimas maneiras, qual delas a mais penosa...

trabalhar, é forçosamente gente humilde, submissa, medrosa, e que se foi talvez, esconder, ou foi arrebatada, para aquele esconderijo, em que a civilização não penetra, nunca.

Esta impressão é confirmada, já diante dos fornos, até mesmo pelo aspecto exterior do seu conjunto, que nos lembra essas gravuras de fortalezas remotíssimas, em que os prisioneiros arrebatados ao inimigo eram obrigados a conduzir pedregulhos enormes para tapar alguma brecha, ou servirem para defesa, transformadas em projectos de sumanos.

E o quadro, medieval, de senhores e escravos, que nos oferece a primeira fase do fabrico de cal, o carregar o forno, a que eles chamam o empedramento.

Vistos de fora, no seu conjunto, os fornos, são mais exacto, o massivo sobre que assentam e os cerca, assemelha-se a uma muralha, interrompida em certos pontos, por reentrâncias quadrilongas, espécie de corredores abobadados, em ogiva, e que lembram muito as janelas escuras de velhos conventos, terminando lá ao fim num buraco ou, entrada interior para o forno, que é a entrada interior para o forno, um pouco circular, qualquer coisa que parece um canudo, com 20 metros de altura por 4 de diâmetro.

Começa então a faina:

Depois de revestido, em toda a sua superfície interna, com uma cobertura de pedra e barro, para proteger do fogo a sua instalação, entra-se verdadeiramente no empedramento, isto é, atulhar aquele espaço todo, com pedra, que de futuro virá a incendiar-se, tornando-se por fim uma abóbada toda em fiadas, que vão apertando até fechar a altura da fenda da entrada.

Depois atulha-se por cima, enchendo aquele espaço que vai da cúpula da abóbada até acima, a boca do forno, que é tapado com uma parede construída em volta, formando um chapéu, saído da terra, e que, visto de longe, lembra um cortiço de abelhas, a que eles chamam o capelo.

Por fim a entrada em baixo é obstruída com levantamento dum paredão com um buraco quadrado, para a entrada do combustível, que fica sendo a boca da fôrnia.

É ver então aquele formigueiro humano, a estafar-se, nas variadíssimas maneiras, qual delas a mais penosa, de levar a efeito o que ficou dito.

Carros, carrinhos e carroças, durante semanas conduzem das pedreiras pedregulhos enormes, enquanto que homens rapidamente, descarregam-nos, amontoam-nos ou levam-nos ao ombro, ferindo-se nas arestas, até à entrada do forno, enquanto outros lá dentro, montam pranchas, penduram-se em cordas, a barrar as paredes, a receber as pilhas, a formar a abóbada, levantando

os braços, carregando, ferindo-se, maltratando-se, agachados, deitados, torcidos, de toda a maneira que o serviço exija, sem a ideia de um desastre, de um desmoronamento, de um partir de cordas.

Depois são dias e dias a cozer, quinze, vinte, as vezes um mês, toda aquela pedra que incandesce, toda aquela pedra que se transforma pelo fogo, que nunca para, porque lá está um homem de dia, e de noite, a vigiar a boca da fôrnia, aquela imensa, pavorosa, que devora carroças e carroças de mato, que se empilha à volta, sepultando o forneiro.

E então um outro vai-vem de gente que empilha o combustível, de carroças que chegam despejando sempre, de molhos que cruzam o ar da carroça para a montanha, e desta para o brazeiro que os devora rapidamente, com estalidos secos.

Ninguém pára, o serviço nunca afrouxa, não são precisos olheiros, porque o fogo não dá tempo a demoras, hesitações, e então tudo aquilo se ritmiza numa verdadeira harmonia viril, violenta.

Emquanto a hulha vai descendo e subindo, as labaredas teem também o seu vai-vem monstruoso, trágico, fantástico.

Quando, numa oscilação de pendulo, o forneiro, levanta os braços a colher com a forquilha, espécie de garfo, o mato, ou «matanos» o introduz pela boca, e o empurra depois, revolvendo com o «forçado», as chamas, por efeito da longa tiragem, irrompem lá de dentro, como se quizessem também devorar-lhe a carne do peito, e este sempre sem intermitências, num vai-vem continuo, de seis horas seguidas a es-

tafando-se.

Que tal? O duodeno não dá ainda sinais de si?

NOTAS & COMENTARIOS

Raio de sorte!

Ontem, desciámos nós a Avenida, num carro eléctrico, quando num banco da nossa frente um cavalheiro bem posto desdobrou A Vitória. E ao alto da primeira página deparámos com esta, em letras enormes: *Três ministros no fundo do mar. O quê? seria possível? O coração começou a bater-nos com mais força. Caramba! de três já estamos livres! Psi, oh rapaz! Dá cá A Vitória.*

Afinal ficámos desapontados. Os ministros tinham realmente estado no fundo do mar, mas voltaram já à superfície, e a estas horas, estão a fresquinhos como umas alfaces saloias. E o caso de se dizer que *herva ruim não a queima a geada...*

Virem-se para Deus

Publica-se aí em Lisboa todas as manhãs um jornal católico-apostólico-romano que traz cousas engraçadas. Chama-se A Época. E ao lê-la, tem a gente a impressão de estar diante de um documento do tempo do sr. D. Miguel—que Deus haja. Aqui na redacção quando algum de nós vem aborrecido, ou neurasténico e com prisão de ventre—moléstias que, no dizer de Fialho andam em geral associadas—um camarada chega-lhe A Época para desanuviar o espirito e desimpedir as vias intestinais. Efeitos surpreendentes. Francas e cristalinas gargalhadas começam de eocar pelos corredores. Dali a pouco o duodeno entra a despertar da moribunda atonia, os movimentos peristálticos, apenas perceptíveis momentos antes, intensificam-se pouco a pouco, transmitem-se ao longo da via intestinal até ao rectum e... ponto. De modo que A Época tem sobre as nossas plebeias viscerais a mesma influência que tinha o hino da Restauração sobre aquele maior comandante da praça de Elvas cuja história o Fialho contou algures.

A ver se com os nossos leitores acontece o mesmo.

Ora lêam:

«Sem o espirito cristão de nada vale ao operariado a força colossal das suas federações, porque é uma força material, que não pode ter propriedade criadora».

As classes operárias carecem de fortalecer-se, porque são naturalmente fracas e não pode reprová-las que o façam por meio da organização sindical. Mas os sindicatos operários não de ter vida interior, alma, e essa não lhes pode vir senão de Deus».

Que tal? O duodeno não dá ainda sinais de si?

Javert reconsidera

Um tal cunho de selvajaria revestiu a atitude da força, em Paris, por ocasião da demonstração operária, em 1 de Maio, que os próprios policias se indignaram. Um deles, Leon Serrat, acaba de pedir, ao prefeito, a sua demissão, numa carta onde se lê:

«...Visto que o uniforme que me honrava de usar foi manchado dumamaneira vergonhosa, em 1 de Maio, recuso-me doravante a usá-lo. Peço-vos portanto a minha demissão a partir de hoje. Prefiro estar antes do lado dos espancados que ao lado dos traidores e acorro a juntar-me a aqueles, a fim de ajudar, na medida das minhas forças, os meus irmãos trabalhadores a instaurar a República democrática e social».

Por onde se vê que, sob o ponto de vista moral, nem todos os policias estão tão corrompidos que a regeneração se torne impossível.

Aderindo

António Alfreio fernandes e Francisco Parreira Tristão declararam publicamente aderir ao Partido Socialista Português. Estão no seu direito e ninguém tem nada com isso. Mas logo adiante declaram que não abdicam, por esse facto, das suas ideias anarquistas. Devem ser frescas e claras as tais ideias.

verdadeiro conhecimento de legítimo esforço, de verdadeiro sacrificio, e todos a uma, apertam-se reciprocamente exaltando a personalidade do serviço.

A um deles ouvi eu dizer, numa resignada satisfação, que é toda a psicologia de ignorados e ignorantes do resto do mundo:

«Eu já cá estou há 10 anos e ainda não vi nenhum desastre. É só isto dos olhos, na pieguedo do forno e mais nada...»

E aqueles que estão ao fogo, arrisquei eu, para os ouvir e surpreender uma revolta, uma blasfemia, que traísse o homem sensível, e logo um deles, numa isenção que me emudeceu de espanto:

«Sim!... Esses também, mas ainda há quem passe pior...»

«Já lá foi abaixo a cataria?»

«O que? Ainda havia mais horror, mais sacrificio, mais pesadelo?»

Senti-me envergonhado da minha ignorância, não a confusão em flagrante delicto de inocência profissional, mas a vergonha de não resgatar há mais tempo a dívida sagrada que se contrai com esses desgraçados, que trabalham para todos, que se torturam para nosso bem, para nosso conforto, sem que nós os retribuamos ao menos.

Havia mais a ver, mais horror, mais tragédia, mas eu, que não podia mais, meus nervos ainda não eram de aço, resolvi visitá-los uma segunda vez, a ver como se acaba a cal, e abrevia a vida na calaria.

Ah!... que pequeno me senti nesta confissão, ante a grandeza heroica daquela gente, daqueles humildes.

Ninguém se queixa; há como que um

Edoardo FRIAS

UM CASO DE MORALIDADE

Aumentos de ordenados

Com vista ao sr. ministro do trabalho

Os operários procuram aumentos de salário. Os funcionários públicos e empregados do Estado reclamam aumento dos seus ordenados. Nada mais justo, nada mais natural se atendermos ao que a vida tem aumentado de custo.

Pois bem: há empregados do Estado que se encontram miseravelmente pagos. Entre estes encontra-se o pessoal do Asilo de Mendicidade e Anexos, que dirijo. Há ordenados absolutamente irrisórios.

Enquanto fui secretário do ministro do trabalho, Dias da Silva, procurei conseguir esse justissimo aumento—aumento que é de direito—ao primeiro a reconhecer justo e necessário a quando da sua visita ao Asilo de Mendicidade. No entanto não se conseguiu. Tendo mesmo eu, pessoalmente, falado ao meu colega e meu amigo dr. Ramada Curto, ministro das finanças, pedindo-lhe a sua boa vontade para essa obra de humanidade e de justiça, tive a infelicidade de receber resposta negativa e colher apenas a sua promessa categorica de apoio a tal reclamação depois da abertura do parlamento.

No entanto acabam de sair no Diário do Governo decretos que aumentam os ordenados dos funcionários da Provedoria Central da Assistência, da Casa Pia, bem como os dos directores do Asilo de Mendicidade e Anexos e do Asilo D. Maria Pia.

Fui eu, consequentemente, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interino, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se fez não é razoavel. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito—que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais das vezes cumprem com má vontade—mas isto não impede que eu seja solidário com elles na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive assim. Não se pode viver com aqueles ordenados, senhor ministro do trabalho!

E não é justo, não é razoavel, não é moral que se melhorem as condições de vida de empregados do Estado que se encontram em identicas condições e que prestam identicos serviços, —nem tampouco que se beneficie o director de um estabelecimento esquecendo-se absolutamente todo o outro pessoal.

Sobral de CAMPOS.

Perante o tratado de Paz

Aumenta na Alemanha a oposição à paz de violência—Os comunistas recusam-se a assinar o tratado

PARIS, 14.—Na Alemanha a onda nacionalista alastra, auxiliada por toda a imprensa com excepção dos jornais radicais e da *Vossische Zeitung*. Milhares de telegramas estão chegando constantemente a Berlim, dos territórios ameaçados. A população dispõe-se a defender por todos os meios, tudo o que lhe resta contra a Polónia. O *Burgemeister* de Grandenz aconselhou os habitantes da cidade a recolherem-se imediatamente e fecharem os armazéns, dizendo que brevemente teriam logar novos combates. É muito provável que em breve haja lutas nas provincias orientais em virtude da extraordinária exaltação dos animos, naquela região. Os democratas do centro declararam que os ministros do seu grupo apresentariam a sua demissão se o governo se mostrasse disposto a aceitar as condições da paz.

Presentemente, os socialistas da maioria parecem formalmente opostos à assinatura do tratado, mas é provável que na próxima quinzena hajam mudado de opinião, vindo a realisar-se a unificação dos três partidos socialistas que formarão o novo governo.

Nestas circumstancias é difficil dizer o que virá a acontecer, mas dentro de poucos dias a situação será mais clara. Os comunistas recusam assinar o tratado e declaram que são bastante honrados para assinar um compromisso que sabem não poder ser executado.

Mas são politicos com reflexo e sabem também que a fome é o melhor auxiliar das revoluções e esperam que a revolução seja o fim do comunismo.

Severas medidas contra a Alemanha se não assinar o tratado

PARIS, 13.—O Supremo Conselho Económico resolveu adoptar severas medidas contra a Alemanha se esta recusar assinar as condições da paz.

Os partidos democrático e do centro opõem-se à assinatura da paz

BERLIM, 13.—Os chefes do partido democrático e do centro fizeram saber a Scheideemann que os seus partidos se opunham à assinatura das condições da paz de Versalhes e que retirariam os seus membros do governo no caso de decidirem assinar o tratado. O *Worwarts* diz que essa resolução é o primeiro passo para a crise ministerial.—H.

Serviços telefónicos

Chagou ontem a Lisboa o sr. Kari, director geral da Companhia dos Telefones, que vem tratar com o governo da projectada remodelação dos serviços telefónicos da capital.

A jornada de 8 horas

Manipuladores de pão

A direcção, reunida juntamente com as comissões de trabalho, tomou conhecimento de que os fiscaes da Companhia, que abusivamente se intitulam panificadores, deliberaram officiar ao ministro do trabalho comunicando-lhe que a Companhia dá um aumento de 305 diários, com a condição que o pessoal não aceitaria o dia de 8 horas. Resolveram estes organismos lavar o seu mais veemente protesto contra tal procedimento, pedindo ao ministro do trabalho que não tome em consideração representação alguma que não dimanasse de um sindicato, legítimo representante da classe dos manipuladores de pão.

Ante o protesto contra uma outra manobra desses fiscaes, tendente a conseguir do pessoal o repúdio do dia de 8 horas, Deliberou officiar aos industriais da panificação, convidando-os a um entendimento sobre a jornada de 8 horas.

No domingo reúne a assembleia magna pelas 15 horas.

União dos Empregados no Comércio

A direcção da União dos Empregados no Comércio de Lisboa, a pedido dos seus delegados, convida os seus associados e a classe em geral a assistir a grande reunião magna que se realiza hoje, pelas 21 horas, na sede da associação de classe dos caixeiros para dar conhecimento à classe do regulamento da lei que estabelece este horário que a comissão composta de delegados de todas as colectividades de empregados no comércio vão entregar ao ministro do trabalho.

A comissão também resolveu distribuir por toda a cidade um manifesto à classe.

Empregados comerciais

Pela Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio e as Associações de Classe dos Caixeiros de Lisboa, Empregados de Escritório, Bancos e Cambios, União dos Empregados no Comércio, e Associação dos Empregados Menores do Comércio e Industria foi entregue ao sr. ministro do trabalho uma representação, reclamando que da lei das 8 horas seja eliminado o artigo 10.º, que faculta aos estabelecimentos comerciais estarem abertos nos sábados até às 23 horas.

Hoje reunem os empregados comerciais, pelas 21 horas, em sessão magna, na Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20, a fim da classe tomar conhecimento dos trabalhos realizados junto do ministro do trabalho sobre o decreto das 8 horas de trabalho.

Os operários picheiros e latoeiros do Porto obtêm, após uma greve de curta duração, a jornada de 8 horas

Porto, 12.—Já há quatro anos foi publicada uma portaria concedendo a jornada de 8 horas aos operários latoeiros e picheiros visto esta industria ter sido considerada toxica. De nada serviu porém tal medida pois, os operários não tendo força para a impor, continuaram a trabalhar dez e mais horas. Vem a noticia da publicação da lei das 8 horas e os industriais daquela classe, desde o dia dois de Maio começam applicando a referida lei do que, passado poucos dias se arrependem tratando de restabelecer o horário antigo. Os operários porém é que não estiveram pelos ajustes e a greve rebentou nas officinas dos industriais Adão Vieira de Melo, António Luis Ribeiro, Joaquim Pereira de Moura, Francisco Vieira, Joaquim Borges, Jaime Campos e outros. Ao fim de um dia e meio de greve, os referidos industriais vendo a firme decisão da classe convidaram o pessoal a voltar ao trabalho com a jornada das 8 horas, comprometendo-se mais a não exercer represálias sobre ninguém. Reunidos na respectiva Associação receberam os operários a noticia desta completa victoria com vivas à greve, à U. O. N. e à Batalha. Nota picaresca: o industrial Francisco José Vieira, que recebeu hostilmente a comissão que o procurou para tratar da resolução da greve, veio esconder-se num portal junto da Associação dos Picheiros a ver se, para a reunião entrava algum dos operários que se empregam na sua casa.

Sempre há cada um!

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Vendas Novas pronuncia-se sobre a exclusão da classe no decreto que regula o horário de trabalho

Vendas Novas, 12. C.—Reunido no dia 11 a Associação dos Trabalhadores Rurais para apreciar uma circular dimanada da respectiva Federação, na qual era a Associação convidada a fazer-se representar por um ou mais delegados, no Conselho Federal que deve efectuar-se no próximo dia 18.

Foi, também, apreciado um manifesto da Associação dos Trabalhadores Rurais de Vila Franca de Xira, versando sobre a exclusão da classe rural do decreto que estabelece o dia normal de 8 horas de trabalho, facto que foi metido a reprovação da enorme assistência. Sobre este caso falaram Joaquim Aldeias, Francisco Catarino, Benedito Augusto José Pereira, Joaquim Catarino, José Capote e Manuel Sofia.

Por fim foram nomeados delegados ao Conselho Federal os camaradas José Capote e Joaquim António Catarino.

A direcção da Associação Commercial do Beato e Olivais telegraphou ao governo protestando contra os actos criminosos recentemente praticados em Lisboa e pedindo que os decretos sobre salarios mínimos e seguros sociais não tenham execução sem que sobre eles sejam ouvidos o Conselho Superior do Trabalho e as associações comerciais e industriais do país.

Na linha de fogo

O valor da greve

A greve é a cessação concertada do trabalho pelo operário. A greve é a principal e a mais eficaz arma de luta do que o proletariado dispõe. E é tam natural que não implique a existência do sindicato ou associação, mas é claro que para que ella vingue e tenha probabilidade de triumphar é necessário, indispensavel a organização sindical, a associação, isto é, o espirito de solidariedade, meio proprio para o bom êxito da greve.

A greve é um laboratório de educação moral e social e é ao mesmo tempo um estímulo de energias. Disse já um filósofo que a greve é o equivalente moderno da guerra. Mais uma confirmação de que as energias não se destroem, transformam-se. Spencer affirmava que os jogos, os divertimentos, a ginstica, o desporto, são a expansão pacifica dos esforços e das lutas dos antigos guerreiros e batalhadores. Com mais exactidão se pode dizer que a greve é hoje a válvula que canaliza os estímulos, os esforços, os entusiasmos e heroismos dos cavaleiros medievais.

O operariado consciente é de facto uma grande ala de combatentes lutando sentimentalmente e com os mesmos impulsos de coração que os seus antepassados da Idade-média, embora por um ideal menos subjectivo aparentemente, que é a emancipação integral dos trabalhadores. É o mesmo espirito combativo, não com a adaga e o montante, o elmo e a cota de malha, mas com os petrechos da critica social e dos conceitos racionais da sociologia.

Uma greve é ás vezes uma epopeia de heroismos. Nela se chega a sacrificar o nosso pão e o dos nossos filhos, nela se sacrifica até a vida. Não há luta mais activa, mais alviantada, mais digna. Não é uma gloria lavada de sangue. Não é a luta de rapina, sob falsos pretextos de direito e de justiça mascarando as ambições gananciosas; é uma luta de emancipação, de desopressão; é a luta do escravo contra o senhor, da fraco contra o forte, da liberdade contra o privilégio, do trabalho contra a usuração capitalista. É a boa batalha por uma causa que é a de todos os oprimidos, para um bem que seja o de todos os desherdados.

A greve vulgar sendo um acto pacifico é contudo uma miniatura da grande greve expropriadora, a greve geral revolucionaria. O mesmo sentimento que hoje anima a greve, amplificado, dará amanhã a Revolução Social. Deixemo-la pois desenvolver, deixemo-la crescer na grande massa dos trabalhadores.

Manuel RIBEIRO.

O inventor dos Sovietes

Conversando com o enviado especial da imprensa socialista italiana em Berlim, um socialista russo ali residente, o dr. Helphand, muito conhecido sob o pseudónimo de Párvus, deu-lhe alguns pormenores interessantes sobre a origem dos Sovietes.

O primeiro Conselho de Operários foi eleito em Petrogrado em 1905. A assembleia que o constituiu era presidida por Sborovski, mas o presidente daquele primeiro soviet foi Crustaleff, Preso este, succedeu-lhe Trótski, e após a prisão de Trótski, elegeu-se Párvus, o qual foi parar por sua vez a famosa fortaleza de Pedro e Paulo. Este primeiro soviet ou Conselho de Operários dissolveu-se em Janeiro de 1906 com a victoria da contra-revolução.

Ora Párvus gabase de ter sido o pai dos Sovietes: não havendo então na Rússia um verdadeiro partido operário socialista, entendia elle que os operários deviam ser chamados a acção e a direcção do seu próprio movimento—optima ideia, sem dúvida. Lenine, por sinal, achava-a oportunista e desconfiava do socialismo dos projectados Conselhos.

Párvus deseja, pois, ter as glórias de inventor e apparece na historia como um autêntico grande-homem.

Mas o grande Párvus acrescenta que nunca pensara em fazer dos Sovietes uma instituição estável, para substituir o Parlamento. Os Sovietes fariam apenas a guarda da Revolução, mas só a Assembleia Nacional é que teria o poder legislativo.

Ora, n'esse caso, não teria a Rússia exportado a palavra soviet, que significa apenas junta, consellio, assembleia. Qualquer destas palavras nos serviria, não haveria novidade alguma. Assim como se espalha pelo mundo, como termo tecnico especial, a palavra vulgar que designa um invento ou cada uma das suas partes no país de origem, assim também nos veio este vocabulo russo soviet para designar um órgão administrativo de espécie nova—quanto a formação e ás attribuições.

O mesmo tinha sucedido com a palavra *sindicato*, vinda de França com um significado especial, e não com a sua acção vulgar.

E calha bem a comparação, porque ajuda estamos em que o sindicato é... o melhor soviet, cá para nós. Nós continuamos sindicalistas.

